Recebido em: 06/12/2018
Aceito em: 28/04/2019

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 1 2019

ARTIGO

UM FIO DE FUMAÇA NOS MARES DO SUL: CACHIMBOS DE CAULIM E MASCULINIDADES NAS ILHAS SHETLAND DO SUL (SÉCULOS XVIII E XIX)

Fernanda Codevilla Soares*, Clarice Linhales de Amorim, Will Lucas Silva Pena*****

RESUMO

O Projeto "Paisagens em Branco" objetiva analisar as estratégias humanas de ocupação da Antártica. Investigando a cultura material e documentos escritos, buscamos inserir os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros na história do continente, frequentemente esquecidos e invisibilizados pelas metarranativas existentes. Nesse artigo, abordamos o universo relacionado aos cachimbos de caulim coletados na Ilha Livingston. Apresentando métodos de análise e interpretações resultantes, discutimos a construção de identidades generificadas associadas ao consumo de tabaco e suas materialidades. Analisando padrões decorativos dos cachimbos, marcas de fabricantes, o baixo preço da maioria das peças, o consumo excessivo de tabaco entre esses trabalhadores, a negação de regras burguesas relacionadas ao fumar e outros aspectos, tentamos entender as particularidades da masculinidade performatizada por esses marinheiros.

Palavras-chave: Antártica; Foqueiros; Cachimbos de Caulim; Fumo; Masculinidades.

* Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas. Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, FAFICH – LEACH, sala 3070, CEP: 31270-90. Belo Horizonte – MG. E-mail: fernandacodevillasoares@gmail.com. https://orcid.org/0000-0003-3714-9397.

** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas. Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, FAFICH – LEACH, sala 3070, CEP: 31270-90. Belo Horizonte – MG. E-mail: claricelinhales@gmail.com. https://orcid.org/0000-0001-8357-5106.

*** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas. Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, FAFICH – LEACH, sala 3070, CEP: 31270-90. Belo Horizonte – MG. E-mail: wlspena@gmail.com. https://orcid.org/0000-0002-7863-2425.

DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v32i1.622

ARTICLE

A SMOKE WIRE IN THE SOUTH SEAS: KAOLIN PIPES AND MASCULINITIES IN THE SOUTH SHETLAND ISLANDS (18TH AND 19TH CENTURIES)

ABSTRACT
The "Blank Landscapes" project aims to understand the initial human occupation of Antarctica. Through the study of material culture and the analysis of historical documentation, we believe it is possible to insert marine mammals hunters, often absent from the master narratives, in the history of the continent. In this paper, we will discuss the universe related to the kaolin pipes collected in the archaeological expeditions carried out in Livingston Island. We will present the methods of analysis and the resulting interpretations. Our analysis has focused on aspects related to the construction of engendered identities. By discussing the kaolin pipes decoration pattern identified in the collection, some recurring maker's marks, the low prices of most objects, the excessive consumption of tobacco by the standards of the time, the denial of bourgeois rules associated with smoking, among others, we try to understand the particularities of the masculinity 'performatized' by these sailors.

Keywords: Antarctica; Seal Hunters; Kaolin Pipes; Smoke; Masculinities.

ARTÍCULO

UN HILO DE HUMO EN LOS MARES DEL SUR: PIPAS DE CAOLÍN Y MASCULINIDADES EN LAS ISLAS SHETLAND DEL SUR (SIGLOS XVII Y XIX).

RESUMEN
El Proyecto "Paisajes en Blanco" busca analizar las estrategias humanas de ocupación del territorio antártico. Investigando la cultura material y documentos escritos, buscamos incluir a los grupos foqueros, loberos y balleneros en la historia del continente, frecuentemente olvidados e invisibilizados por las meta-narrativas existentes. En este artículo, abordamos el universo relacionado a las pipas de caolín recuperadas en la isla Livingston. Presentando métodos de análisis e interpretaciones resultantes, discutimos la construcción de identidades de genero asociadas al consumo de tabaco y sus materialidades. Analizando padrones decorativos de las pipas, marcas de fabricantes, el bajo precio de la mayoría de las piezas, el consumo excesivo de tabaco entre esos trabajadores y la negación de las reglas burguesas relacionadas con el fumar, entre otros aspectos, intentamos entender las particularidades de la masculinidad performatizada por esos marineros.

Palabras clave: Antártida; Foqueros; Pipas de Caolín; Fumar; Masculinidades.

THE OLD CLAY PIPE
There's a lot of solid comfort
In an old clay pipe, I find,
If you're kind of out of humor
Or in trouble in your mind.
When you're feeling awful lonesome
And don't know just what to do,
There's a heap of satisfaction
If you smoke a pipe or two.
The ten thousand pleasant memories
That are buried in your soul
Are playing hide and seek with you
Around that smoking bowl.
These are mighty restful moments:
You're at peace with all the world,
And the panorama changes
As the thin blue smoke is curled.
(A.B. VAN FLEET, 1895)

INTRODUÇÃO

Por mais que não sejam raros os estudos centrados em cachimbos de caulim no âmbito da Arqueologia do Capitalismo[1], a maioria dos trabalhos foca antes nas tipologias de datação fornecidas por essa categoria material do que na sua participação em contextos sociais específicos (LOKTU, 2012). Nesses conformes, importantes campos de investigação remanescem pouco explorados, como, por exemplo, a agência desses objetos no soerguimento de distâncias entre polaridades sexuais historicamente constituídas e sua atuação em diferentes concepções de masculinidade vinculadas à modernidade.

No artigo que segue, tentando expandir as possibilidades interpretativas na análise desses vestígios, pretendemos discutir a interface entre cultura material e a construção de identidades generificadas, tendo como fonte a coleção disposta no Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH – UFMG)[2].

Recuperados nos anos 2010, 2011, 2012, 2014 e 2017 na Ilha Livingston (arquipélago Shetland do Sul), esses artefatos são testemunhas dos encontros iniciais, já na primeira metade do século XIX, do ser humano com o continente que conhecemos como Antártica, o qual, no passado, diluía-se na miscelânea de ilhas e oceanos pouco navegados denominada "Mares do Sul". O século XIX levou ao continente embarcações de caçadores de recursos marítimos, a maioria norte-americana e inglesa (STACKPOLE, 1955)[3]. Tanto a pele de focas e lobos marinhos quanto o óleo de cetáceos e elefantes marinhos eram buscados pela iniciativa privada, a fim de suprir a demanda do vestuário

[1] Neste artigo, optamos por utilizar o termo Arqueologia do Capitalismo, conforme proposto por Johnson (1996), a fim de fugir das tradicionais dicotomias que separam a Arqueologia Histórica da Arqueologia Pré-histórica. Nessa perspectiva, a Arqueologia não se caracteriza pelo estudo de um período e nem de uma metodologia (confronto entre fontes históricas e fontes materiais, por exemplo), mas pela análise de um processo histórico e seus efeitos no cotidiano dos grupos sociais em diferentes partes do mundo. Segundo o autor, a Arqueologia do Capitalismo estuda o processo de formação do sistema capitalista, entendendo-o como fenômeno econômico e cultural.

[2] Este trabalho integra o projeto marco "Paisagens em Branco: Arqueologia Histórica Antártica", iniciado no ano de 1995, o qual pretende compreender as estratégias de ocupação da Antártica em finais do século XVIII e início do século XIX. Atualmente, o projeto está vinculado ao Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH), sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e é coordenado pelo Prof. Dr. Andrés Zarankin. A partir de 2009, o projeto passou a ser realizado com a logística do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), fruto de uma parceria entre a Marinha do Brasil e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

[3] O historiador Headland (HEADLAND, 2009) afirma que, no período de 1790 a 1910, cerca 43,9% dos navios que se destinaram para Antártica eram norte-americanos e 19,7% eram ingleses. O restante dividia-se entre embarcações australianas, francesas, neozelandesas e outras.

chinês e europeu (BUSCH, 1985), e iluminar as casas e cidades do período (HOHMAN, 1928).

Guiando-nos pelos preceitos da Arqueologia do Capitalismo, entendemos ser possível evidenciar o cotidiano dos sujeitos que transitaram pelo território antártico no período da sua primeira ocupação, estudando a incorporação deste no processo de expansão do sistema econômico mundial no cenário oitocentista (ZARANKIN & SENATORE, 2007).

Nosso aporte teórico neste trabalho está marcado pelas possibilidades discursivas abertas pelos campos de estudo e militância que, sobretudo a partir das décadas de 1980 e 1990, empenham-se em deslocar as heurísticas tradicionais da disciplina arqueológica, sendo importante destacar a teoria *queer*, o pós-feminismo, as pesquisas em masculinidades e o aporte interseccional. De forma manifesta, norteamos nossas análises pelos conceitos de performatividade de gênero, cunhado por Butler (2000, 2003), e de masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas, proposto por Connell (2005).

Deixando de lado o vínculo inicial entre o campo de estudos de gênero e a categoria "mulher", trabalhada então como unidade apriorística, ahistórica e universal, as propostas correntes requerem uma atenção minuciosa e contextual ao escopo analítico realizado. Além disso, e de forma especialmente importante a este trabalho, o "segundo sexo" (BEAUVOIR, 2009) deixou de ser o único núcleo dos estudos de gênero, e iniciaram-se pesquisas focadas na construção de masculinidades, baseadas no preceito de que, nas sociedades nas quais prevalece o binarismo de sexo/gênero, o "tornar-se homem", assim como o "tornar-se mulher", é digno de análise histórica.

Tentando estabelecer conexões entre a cultura material, especificamente os cachimbos de caulim e os estudos de gênero, pretendemos refletir sobre a construção da masculinidade vinculada aos agentes que realizavam caçadas marítimas nos oceanos antárticos. Nesse sentido, contextualizando o papel que o fumar abarcou na promoção de um determinado ideal de masculinidade, pretendemos analisar as relações que esses grupos estabelecerem entre si, com as coisas e com o continente antártico.

OS CACHIMBOS, O FUMAR E A(S) MASCULINIDADE(S): APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Ao discutir a interface entre a cultura material e a construção de identidades generificadas, inserimos nosso trabalho no campo que, desde os anos 1980, vem sendo chamado de Arqueologia do Gênero. O nascimento dessa área de estudos vincula-se, por um lado, à influência do pós-processualismo, que sinalizou a necessidade de estudos voltados aos aspectos simbólicos no fazer arqueológico (ALBERTI, 2001; GILCHRIST, 2001); por outro, ao despontamento de críticas feministas no interior da disciplina, evidenciando que a suposta neutralidade da Arqueologia, em sua afirmação enquanto ciência moderna, apenas mascarava um androcentrismo latente (CONKEY & SPECTOR, 1984).

No âmbito da Arqueologia brasileira, os estudos de gênero se iniciaram ainda mais tardiamente. Apenas nos anos 1990, foram produzidos os primeiros trabalhos na temática (PAGNOSSI, 2017), e, até o momento, o volume de publicações que recorrem ao conceito de gênero ou ligadas ao interesse feminista não é extenso na produção arqueológica nacional (RIBEIRO *et al*, 2017)[4]. Dentro desse campo, inegavelmente

[4] O panorama, no entanto, está mudando positivamente. Embora a produção nacional ainda seja bastante tímida, o número de trabalhos produzidos entre 2010 e 2017, segundo dados de Ribeiro (RIBEIRO, 2017), foi igual ou superior ao dos quinze anos que antecederam a esse período, representando, portanto, um "boom de publicações" nos estudos de sexo-gênero e temáticas correlatas (RIBEIRO, 2017:228).

incipiente, algumas temáticas têm ainda menos espaço, como é o caso dos estudos arqueológicos em sexualidades (GONTIJO & SCHAAN, 2017) e em masculinidades (SENE, 2017:165).

Nas décadas de 1980 e 1990, o marco teórico mais ativo nos estudos da Arqueologia do Gênero fundamentava-se na divisão entre sexo, compreendido como as diferenças biológicas entre homens e mulheres, e gênero, assumido como uma definição cultural dessas diferenças (ZARANKIN & SALERNO, 2010). Segundo Voss (2006), essa cisão entre as duas esferas possibilitou que o campo de estudos de gênero se tornasse concretizável, uma vez que, ao compreender o gênero como categoria "cultural", ele se tornava passível de pesquisa pela Arqueologia. A partir dos anos 2000, no entanto, a influência do pensamento de Butler (2000, 2003) vem se fazendo notar. Seu conceito de performatividade, que rompe com a clássica divisão entre sexo e gênero, tornou-se referência nas mais diversas áreas das Humanidades, incluindo a Arqueologia (VOSS, 2006; ZARANKIN & SALERNO, 2010).

Trazendo categorias centrais do pensamento ocidental, notadamente, o sexo, o corpo e o sujeito para o âmbito discursivo, Butler (2000, 2003) redirecionou os estudos de gênero e sexualidade, que assumiam, como mencionado, o sexo como uma categoria "natural" e, assim, estática. Desessencializando a noção de sexo, assim como seu suposto caráter binário, Butler (2000, 2003) o redefiniu sob a ótica da performatividade. As identidades de sexo/gênero, nesse viés, derivariam de uma constante repetição de atos, gestos, signos, etc., que terminariam por mascarar como natural o que é do âmbito do devir. Em outros termos, categorias muitas vezes vistas como atemporais, "homem" e "mulher", "macho" e "fêmea", por exemplo, seriam fruto não de uma verdade absoluta, mas de uma materialização construída a partir da reiteração de atos performativos. Por serem construções calcadas na citacionalidade, essas identidades, ainda que se apresentem como imutáveis, estariam abertas a um constante processo de ruptura, remodelagem e até mesmo de desconstrução.

A perspectiva de Butler (2000, 2003) pode ser emparelhada ao conceito de masculinidades trazido por Connell (2005). Recusando a perspectiva funcionalista, que guiava os estudos de gênero nas Ciências Sociais nos anos 1970, a autora australiana acionou o conceito de hegemonia do filósofo italiano Anthony Gramsci na tessitura de seu modelo teórico. Segundo Connell (2005), a masculinidade não seria uníssona, mas plural, havendo uma diversidade de modelos convivendo entre si em um mesmo tempo histórico. Entre essas masculinidades, instituir-se-ia uma relação de subordinação ou aliança que constitui a luta pelo que Connell (2005) chama de masculinidade hegemônica, a qual definida por Almeida (2000) como:

> (...) um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino (ALMEIDA, 2000:17).

Os padrões de masculinidade, uma vez que performativamente construídos, modificam-se no curso histórico, assim como a própria masculinidade hegemônica. Somando as noções de Butler (2000, 2003) às de Connell (2005), podemos nos indagar sobre os mecanismos pelos quais nossos sujeitos de estudo — caçadores de mamíferos marinhos do século XIX — construíam e expressavam sua afirmação de masculinidade em aliança ou oposição a outras existentes e como tentavam se aproximar de um modelo hegemônico de masculinidade.

Estudos a respeito da construção da masculinidade desses trabalhadores, os chamados "homens do mar", já existem na literatura, valendo destacar os trabalhos de Creighton (1995) e Druett (2001)[5]. Neste artigo, no entanto, analisaremos o papel específico do hábito de fumar na conformação dessa identidade generificada, tendo como substratos de análise três fontes distintas: a coleção de cachimbos de caulim recuperada nos sítios de baleeiros e foqueiros nas Ilhas Shetland do Sul, os diários de baleeiros do século XIX e a literatura produzida sobre baleeiros.

Assim como as profissões marítimas eram restritas aos homens, também o fumo não condizia com a feminilidade estatizada (especialmente no século XIX). Cabe, porém, destacar que tal como há um plural de masculinidades também há uma gama de escolhas disponíveis no concernente ao consumo de tabaco. Estando no meio da guerra masculina em sua luta pela afirmação, a análise dessa cultura material pode nos informar sobre particularidades nas escolhas dos agentes estudados. Além disso, entendendo objetos como actantes, isto é, agentes capazes de traduzir, perpetuar e/ou modificar negociações de poder e significado (entre outras) dentro de um contexto sociocultural determinado (LATOUR, 1994, 1995; SHANKS & TILLEY, 1987), consideramos especialmente importante avaliar o papel dos objetos relacionados ao fumo na rede generificada estabelecida entre marinheiros e seus cachimbos no período em que, conjuntamente, rumavam aos mares do sul.

No Brasil, a associação entre as concepções de agência material na construção de identidades masculinas foi proposta inicialmente por Nunes (NUNES, 2014a e 2014b). Os trabalhos do autor sinalizam a importância dos objetos na constituição de sujeitos generificados, em específico, a participação de xicrinhas para café na construção de uma masculinidade hegemônica entre a elite urbana de Porto Alegre em meados do século XX. Seu uso da semiótica wagneriana e, sobretudo, da teoria do ator-rede foram fontes inspiradoras para a arquitetura de nosso trabalho[6]. Em seu caso de análise, as xicrinhas para café foram o actante em foco, no nosso, são os cachimbos que ganham esta característica.

Quando mencionamos o entendimento de cachimbos como actantes, compartilhamos das ideias de Latour (1994, 2012), que propõe uma relação simétrica entre humanos e não humanos, enfatizando que todo ator (ou actante) é um mediador. Nesse sentido, de forma democrática, Latour (1994, 2012) estende a agência às coisas, analisando seus múltiplos traços, as influências cruzadas e as negociações contínuas na formação dos coletivos. Uma grande contribuição dessa perspectiva, de acordo com González-Ruibal (2007), é chamar atenção para o material, demonstrando que ele não é

[5] O trabalho de Creighton (CREIGHTON, 1995) foi pioneiro em trazer o campo de estudos de masculinidades às pesquisas sobre baleação norte-americana. Através da análise de cadernos de bitácula, diários e jornais do século XIX, o ponto proposto pela autora é que as viagens de baleação atuavam como "rituais de passagem" na constituição da masculinidade desses agentes. O convívio com os baleeiros experientes e as normatizações da vida oceânica não vinham desacompanhadas de prescrições de gênero: os novatos aprendiam, no curso de uma expedição, a retrair os traços considerados femininos e a exacerbar as qualidades tidas como viris naquela conjuntura. Adentravam na vida marítima como crianças e percorriam o caminho rumo à constituição de um *self* ligado à hombridade marítima. As pesquisas de Druett (DRUETT, 2001), por sua vez, atentam-se às esposas de capitão que acompanhavam seus esposos nas longas viagens baleeiras. Em meados do século XIX, tornou-se permitido e recomendável que capitães levassem suas esposas ao alto mar. Druett (DRUETT, 2001) analisa, também a partir de diários, cartas e publicações jornalísticas, a inserção dessa figura feminina nas embarcações baleeiras, antes restritas ao sexo/gênero masculino. Embora seu trabalho esteja focado na presença feminina, a autora não perde de vista uma análise sobre a construção da masculinidade. Suas investigações desdobram-se em uma avaliação das continuidades e rupturas nos padrões de masculinidade acarretadas pela inserção da esposa do capitão nas embarcações.

[6] No entanto, divergimos do autor em sua concepção de masculinidade hegemônica, que se sustenta, em grande medida, em uma questão socioeconômica. Embora o critério de classe seja inegavelmente uma variável na constituição de oposições de masculinidade, ele não constitui, de forma direta, um modelo hegemônico, apenas uma tentativa de hegemonia.

uma ponte para outra coisa ou um meio para entender um significado social que está por trás da materialidade (como um pano de fundo), mas possui agência e uma trajetória de vida enredada aos humanos.

Somando as noções de Butler (2000, 2003) e Connell (2005) às de simetria (principalmente, a agência do mundo material), acreditamos que os não humanos (no nosso caso, os cachimbos de caulim) tiveram um papel preponderante no processo de formação do coletivo foqueiro antártico.

Conforme Olsen (2010: posição 668), as coisas formam parte das experiências cotidianas e das memórias de vida: "suas capacidades fazem a diferença na forma como compartilhamos o mundo através de qualidades únicas e complementares". Nesse sentido, podemos afirmar que a vivência da Antártica pelos grupos foqueiros foi mediada, também, pelos seus cachimbos (entre outras coisas). Logo, se as identidades de gênero (no caso, as masculinidades) são construídas a partir de "uma constante repetição de atos, gestos [e], signos" (BUTLER, 2003), performatizados cotidianamente, e se as coisas medeiam a forma como experenciamos o mundo (OLSEN, 2010), torna-se importante discutir a agência que os cachimbos de caulim tiveram na formação das masculinidades do coletivo foqueiro antártico, ou seja: fumar tabaco em cachimbo de caulim fez parte da experiência de estar na Antártica e vestiu esses marinheiros com uma identidade de gênero específica.

CONSUMO DE TABACO NO SÉCULO XIX: UMA PRÁTICA MASCULINA

Se atualmente a ingestão de tabaco é desencorajada em uma gama de países, por vias tanto institucionais quanto sociais, é importante destacar que sua condenação não foi o único sentido atrelado ao fumígeno na história do ocidente moderno. A introdução e difusão do tabaco na Europa, aliás, assentou-se em discursos que o promoviam como "erva santa", capaz de curar uma série de doenças e enfermidades (GOODMAN, 1993)[7]. Do século XVI, período em que o hábito de fumar foi incorporado à sociedade europeia, à atualidade, o tabaco foi encarado por múltiplas perspectivas: remédio, produto farmacêutico, prazer, droga, narcótico, vício, entre outras. A diversidade de entendimentos sobre o tabaco e seus efeitos levanta questões sobre como, em diferentes sociedades e tempos, uma planta assumiu significados tão díspares (KOHRMAN & BENSON, 2011).

Diante desse plural de possibilidades e assumindo a importância de um aporte historicamente situado, é necessário contextualizar a gama de sentidos associada ao consumo de tabaco no século XIX, especialmente no diálogo travado com questões de sexo/gênero e identidade social.

No século XIX, prescrições relacionadas a *quem*, *como* e *onde* fumar tornaram-se fontes de assimetria, excluindo mulheres, grupos marginais e minorias étnicas. Mulheres que consumiam tabaco passaram a ser vistas como "fracas e denegridas", e, além da censura ao fumo, não lhes era permitido frequentar lugares onde houvesse homens fumando (RUDY, 2005; TINKLER, 2005). O fumígeno passou a demarcar, materialmente, esferas sociais, visto que onde o tabaco estava, as mulheres não deveriam estar.

[7] De acordo com a Medicina Humoral, o tabaco foi endossado no Velho Mundo tendo em vista suas qualidades "secas" e "quentes". A sua ingestão auxiliava a equilibrar os fluidos corporais e a expelir humores que poderiam causar doenças. Nesse contexto, o tabaco era indicado para diversos males, desde dor de dente e câncer até fome e sede. Conforme lembra Goodman (GOODMAN, 1993), plantas medicinais americanas eram entendidas como remédios potenciais, substitutivos às caras drogas orientais. Seu conhecimento e comercialização foram bem aceitos e promovidos pelo mercado europeu seiscentista. O tabaco inseriu-se na lógica de expansão da farmacopeia internacional, especialmente por não produzir nenhum tipo de efeito colateral nocivo aos trabalhadores.

Apesar disso, cabe mencionar, algumas mulheres mantiveram o costume de fumar. O hábito, porém, as colocava à margem dos ideais de respeitabilidade ou reforçava essa condição. Nativas indígenas eram avistadas fumando (e isso endossava, à época, sua condição de selvagens), assim como camponesas de certas regiões (percebidas, em decorrência, como símbolos de um mundo atrasado) e prostitutas (que tinham sua identidade marcada pelo uso do cachimbo ou de cigarretes, condição que as maculava socialmente)[8] (RUDY, 2005). Para além dessas, Rudy (2005) menciona que, no Canadá do século XIX, nenhuma enfermeira seria reprimida por estar fumando em um hospital. Da mesma forma, é possível que as artistas e demais trabalhadoras urbanas (entre outras mulheres do período), não afeitas aos ideais de respeitabilidade burgueses, consumissem fumo independente do que os manuais ou padrões de etiqueta determinassem. Complementarmente, Rudy (2005) registra uma reportagem de um jornal canadense sobre um grupo de mulheres de alta classe que exibiam seus cachimbos de caulim nas festas que frequentavam. Segundo o autor, em alguns círculos da elite urbana, o hábito de fumar era frequente para esse seleto grupo de endinheiradas que buscavam, assim, associarem-se à elite europeia. Sua "reputação" foi colocada em risco inúmeras vezes, conforme constata Rudy, todavia, ele questiona-se o quanto isso teria as incomodado, já que mantiveram o hábito no seu círculo social.

De forma oposta, entre os homens o fumo se constituiu enquanto rito de passagem. Depois de certa idade, os "neófitos" eram iniciados ao consumo do tabaco, emulando seus pais e marcando a transição para a vida adulta. As primeiras experiências relacionadas ao fumar envolviam desmaios, tonturas, náuseas e vômitos; além disso, menciona Rudy (2005), eram os pais que decidiam se os filhos já haviam se tornado homens fortes o suficiente para ingerir fumo.

Nesse período, a única prescrição médica quanto ao fumar era "moderação". O autocontrole era entendido como uma forma de combater o vício. Se o tabaco fosse ingerido com "bom senso", não seria perigoso; se ingerido de forma abusiva, porém, poderia causar doenças, como câncer de boca, ataque cardíaco, perda de memória, aborto, impotência, constipação na digestão e até suicídio e/ou insanidade (RUDY, 2005; GOODMAN, 1993). O problema estava na quantidade ingerida e não nas qualidades da planta.

Sendo assim, consumir tabaco fez parte do cotidiano doméstico e público da maioria dos homens no século XIX. No ambiente doméstico, após os jantares, era comum que se dirigissem para a biblioteca ou para a sala de fumo. Nelas, os homens utilizavam seus cachimbos de caulim (ou de outra categoria material) e conversavam sobre política, negócios e/ou religião, assuntos e práticas proibidos na sala de jantar, tendo em vista a presença feminina (RUDY, 2005). Dessa forma, além das refeições serem generificadas (LIMA, 1995, 1997), podemos afirmar que a cena após o jantar também envolvia negociações dos papéis de gênero, excluindo e demarcando, por meio da materialidade do fumo, até onde os corpos femininos não poderiam/deveriam adentrar.

Quando as famílias não possuíam a sala do fumo ou um cômodo similar para essa prática, não era aconselhado (ou considerado de bom senso) fumar no ambiente doméstico. Nesses casos, os homens deveriam procurar outros lugares, como as tavernas,

[8] Daves (DAVES, 2010) analisou o consumo de tabaco em cachimbos de caulim como uma prática realizada por "mulheres destituídas", as quais foram confinadas no *The Hyde Park Barracks*, em Sydney, Austrália, no período de 1862 e 1886, atestando que, apesar das proibições, mulheres fumavam no século XIX, ainda que isso lhes atribuísse uma fama pejorativa. Cabe reforçar, conforme pontua Goodman (GOODMAN, 1993), que as proibições associadas ao fumar e crivados por questões de gênero e idade datam do século XIX, antes disso, possivelmente, é duvidoso que mulheres e crianças não fumassem. Acerca disso, o autor recorda obras de arte, pinturas e esculturas dos séculos XVII e XVIII que representam mulheres fumando, bem como passagens literárias, relatos de viajantes e fragmentos de jornais nos quais essas menções foram frequentes.

por exemplo, para consumir o tabaco (RUDY, 2005). Fumar em espaços públicos, especialmente frequentados por homens, era o mais adequado. Segundo Rudy (2005), fumar tornou visível as fronteiras de masculinidade dominante na esfera pública [e privada], a qual de outra forma estariam invisíveis ou foram intencionalmente invisibilizadas.

Além de discutir a conformação atribuída ao consumo de tabaco no século XIX, compilamos, a seguir, estudos sobre cachimbos de caulim em lugares possivelmente frequentados por marinheiros e grupos socialmente marginalizados. Escolhemos o bairro novaiorquino de *Five Points*, que serviu de moradia para trabalhadores no século XIX[9], e as estações baleeiras da Tasmânia, visando compreender como os trabalhadores do mar incorporaram o consumo do tabaco a partir dos cachimbos de caulim.

As análises arqueológicas da coleção de cachimbos de caulim de *Five Points*, realizadas por Reckner (2000) e Yamin (2001), atestam, materialmente, a diversidade social, étnica e nacional que convivia nessa localidade, demonstrando como certas identidades eram afirmadas e negociadas na esfera pública e privada. Os cachimbos, a partir da sua decoração, endossam essa característica, apresentando uma variedade de formas, motivos, símbolos e até matéria-prima (atesta-se a presença de dois cachimbos em porcelana). Este trabalho permite questionar associações diretas entre indivíduos de baixa renda e bens de consumo doméstico de menor valor econômico. Apesar de serem grupos socialmente marginalizados, os cachimbos de caulim não eram, necessariamente, os mais baratos, e existia uma intencionalidade nas escolhas dos motivos decorativos, bem como sua matéria-prima.

Nas estações baleeiras da Tasmânia (*Adventure Bay* e *Lagoon Bay*), as quais operavam nos meses de inverno, também foram recuperados cachimbos de caulim com decorações variadas. Lawrence (LAWRENCE, 2006: 89) afirma que, em *Adventure Bay*, foram encontrados fragmentos de "ao menos, 73 cachimbos de caulim, sendo sua maioria altamente decorados". Os motivos decorativos dessas peças compreendem elementos como: canelados, videiras, linhas de folhas de tabaco, flor-de-lis, espirais, textos (como, por exemplo, *REFORM*), coroas, símbolos maçônicos, caricaturas de rostos, âncoras e navios (entre outros). A maior parte dessas peças são inglesas, especialmente de *Glasgow*, porém duas peças possuem nomes de mercantes de *Sydney*. Em *Lagoon Bay* (estação baleeira de tamanho menor), foram encontrados poucos cachimbos, e a maioria não possuía decoração; sendo "muito mais simples" (LAWRENCE, 2006: 103). Os poucos cachimbos decorados possuíam elementos como: canelado, "barbudo", cabeça masculina e navio.

A partir dessas informações, é possível perceber o crivo generificado impresso ao consumo de tabaco em cachimbos de caulim no século XIX bem como atestar a presença de itens "de maior preço" em lugares frequentados por trabalhadores de baixa renda, tal como *Five Points* e estações baleeiras tasmânicas. Isso sugere que a associação entre peças com decorações diversificadas, possivelmente mais caras, e o poder aquisitivo de seus consumidores não se deu numa relação direta, sendo necessárias problematizações contextuais. Diante desse cenário, questionamos como essa prática foi realizada pelos marinheiros que rumaram para Antártica, de que forma o consumo de tabaco em cachimbos de caulim foi incorporado por esses trabalhadores e quais os significados dessa escolha, tendo em vista suas identidades sociais e de gênero.

---

[9] *Five Points* se caracteriza por um bairro nova-iorquino que foi moradia de trabalhadores estadunidenses e imigrantes irlandeses e/ou alemães (entre outros), no período de 1790 a 1890. Tendo em vista que uma parcela considerável dos foqueiros / lobeiros / baleeiros eram norte-americanos, acreditamos que o aprofundamento na história dessa localidade pode trazer informações contextuais importantes para nosso estudo de caso.

ENTRE COISAS E TEXTOS: A METODOLOGIA DE ANÁLISE

A investigação realizada compreendeu o estudo de fontes textuais, incluindo não só bibliografias acadêmicas especializadas, mas também diários de baleeiros e livros literários escritos no século XIX e início do século XX; bem como a análise do material arqueológico, salvaguardado no LEACH-UFMG e recuperado em sítios arqueológicos antárticos.

Acerca das fontes textuais, partimos da perspectiva de que tudo que é textualmente produzido possui, em si, um conjunto de fatores que influenciaram sua criação. Entendemos que a análise dessas fontes traz referências (ou evidências) para a pesquisa arqueológica, aproximando-nos da tessitura de pensamentos, cotidianos e ontologias dos grupos sociais que as produziram. Em vista disso, produzimos fichas de análise que guiaram a investigação do material escrito. Tivemos como objetivo, a partir dessas fichas, sistematizar informações acerca do ato de fumar, identificando, nos documentos, os adeptos da prática, os locais e ocasiões onde se dava, as quantidades e qualidades de fumígeno ingerido, as formas de ingestão e as motivações dos agentes. Procuramos, além disso, explorar os valores associados ao fumar, atentando-nos às suas correlações com o gênero, a economia, a nacionalidade, a etiqueta, a hierarquia social e as relações étnico-raciais.

As principais fontes escritas analisadas foram: os diários *Four Years Aboard the Whaleship*, de William B. Whitecar (1855); *Incidents of a Whaling Voyage*, de Francis Allyn Olmsted (1841); *Two Years Before the Mast: a Personal Narrative of Life at Sea*, de Richard Henry Dana Jr (1840); e o *Journal of my Whaling Cruse in ship Atkins Adams*, de William A. Abbe ([s/d])[10]; assim como os romances *Moby Dick*, escrito por Herman Melville (MELVILLE, [1851] 2012); *O Lobo do Mar*, obra de Jack London (LONDON, [1904] 2011); e *Os Trabalhadores do Mar*, clássico de Victor Hugo (HUGO, [1899], 2014)[11]. Essas fontes permitiram uma leitura do contexto de navegantes e caçadores de baleias, contendo recursos que extrapolaram as dimensões informativas inicialmente pretendidas, apresentando também o imaginário ao redor dos navios, suas missões e seus marinheiros.

Relativo às fontes materiais, confeccionamos três fichas de análise, sistematizando dados alusivos à produção e ao uso de cachimbos ao longo dos séculos XVIII e XIX. As principais referências para a elaboração dessas fichas foram: Atkinson & Oswald (1969, 1980); Aultman *et al* (2014); Ayto (2002); Binford (1978); Harrington (1978); Hüme (1969); Loktu (2012); Pearce (2007); Higgins (1995); Hissa & Lima (2017) e White (2004).

Na primeira ficha, categorizamos dados concernentes à localização das peças nos sítios, seu armazenamento no laboratório e informações mais gerais do acervo cerâmico, como grau de integridade das peças, técnicas, períodos e locais de manufatura. Na segunda, contemplamos itens como formas, decorações, usos, contra usos, marcas pós-deposicionais e outros. Na última, focamos em dados de medição da coleção, tais como:

---

[10] O texto de William A. Abbe foi escrito no percurso da viagem a bordo do navio Atkins Adams, nos anos de 1858 e 1859, nunca tendo sido, no entanto, publicado em fonte oficial. O manuscrito encontra-se no *New Bedford Whaling Museum*, que fornece acesso online à transcrição do documento, realizada por Bill Wyatt. Cf. https://www.whalingmuseum.org/explore/library/projects/atkins-adams (Último acesso em 30 de maio de 2018).

[11] É importante destacar que Herman Melville, além de escritor, foi grumete de um navio mercante em 1837 e embarcou em 4 navios baleeiros diferentes nos anos de 1841, 1842, 1843 e 1857. No ano de 1843, inclusive, assinou como arpoador do baleeiro Charles e Henry, função de relativo destaque nesse tipo de embarcação. Jack London teve seu primeiro contato com o mar em 1889, quando tinha 13 anos, a partir da compra de um navio que ele utilizava para coletar ostras de forma clandestina. Porém, essa atividade durou apenas alguns meses, porque o barco avariou, sendo assim abandonado. Em sequência, London tornou-se membro da Patrulha Pesqueira da Califórnia, e, em 1893, influenciado pela leitura de Moby Dick, embarcou na escuna Sophie Sutherland, que se destinava à costa do Japão. Depois disso, vivenciou outras experiências como marinheiro até que, ao retornar a Oakland (EUA), matriculou-se no Ginásio Oakland, e passou a contribuir com o jornal acadêmico Aegis. A partir dessa data, passou a investir na carreira de escritor e jornalista.

comprimento, diâmetro exterior e interior da haste; volume, comprimento, diâmetro máximo e diâmetro da borda do fornilho; e o ângulo entre haste e fornilho (figuras 1 e 2). A análise foi realizada a partir do Número Mínimo de Peças (NMP), evitando distorções que as análises por fragmentos podem ocasionar[12].

Figura 1 - Organograma das fichas de análise 1 e 3 dos cachimbos de caulim do LEACH-UFMG.

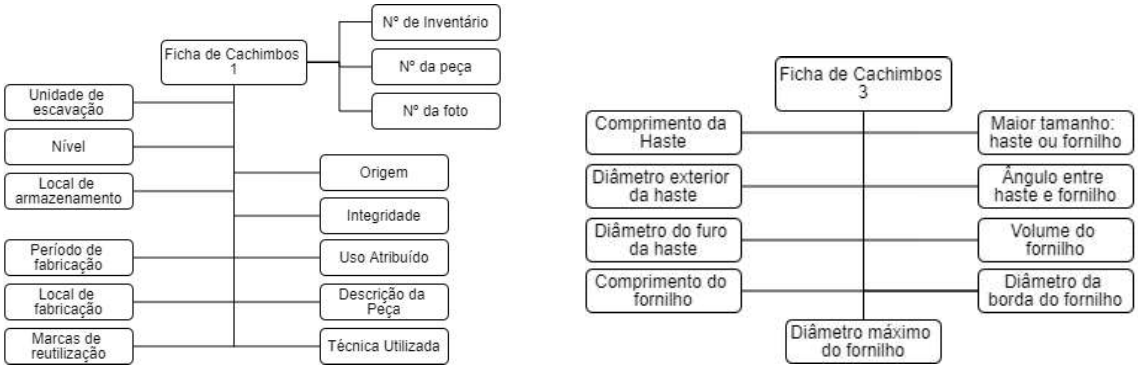
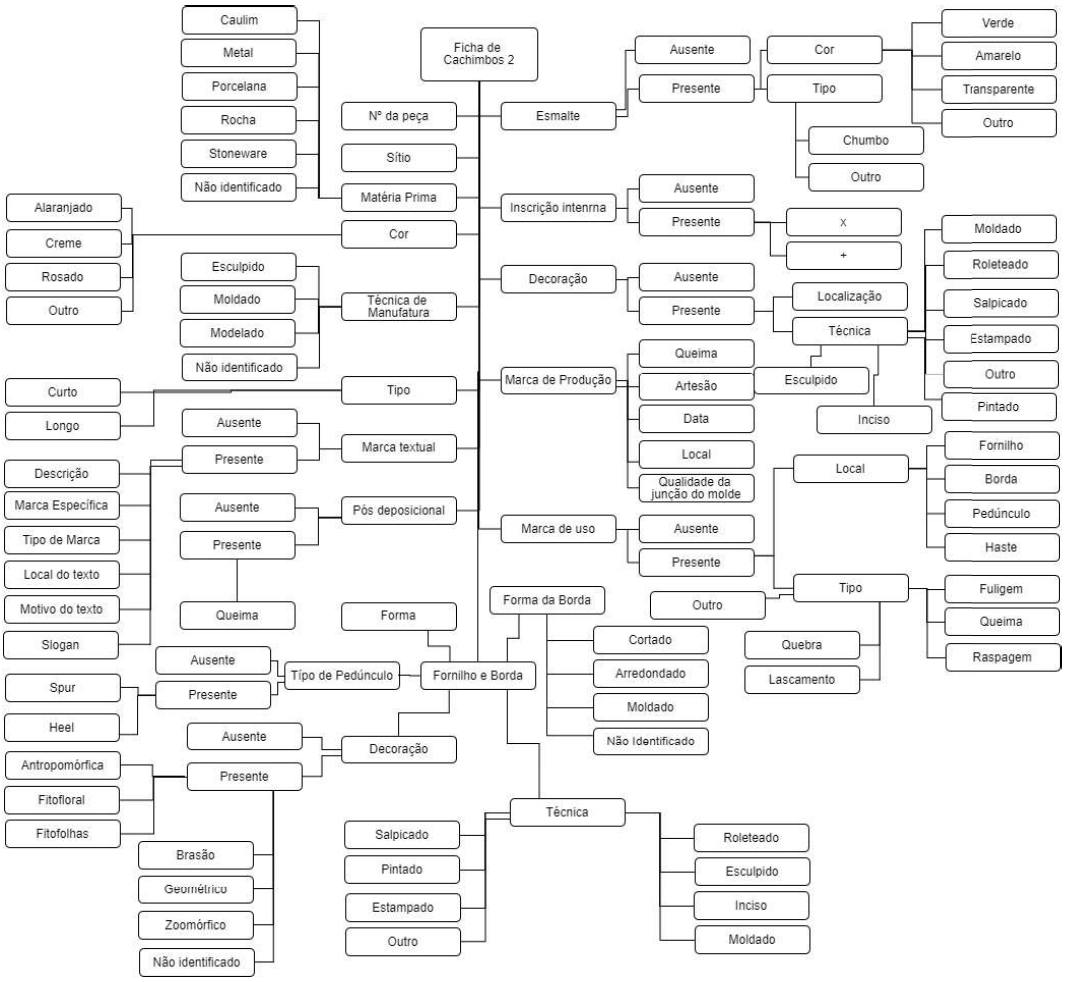
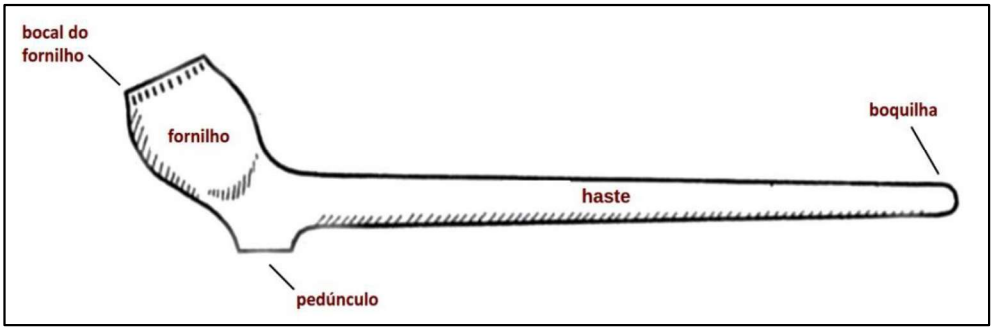


Figura 2 - Organograma da ficha de análise 3 dos cachimbos de caulim do LEACH-UFMG.



[12] Cabe destacar que a primeira ação, anterior à aplicação da ficha, compreendeu a definição do NMP (Número Mínimo de Peças) da coleção, visto que o objetivo era analisar peças de cachimbos e não fragmentos. Essa é uma ação importante, pois ainda que uma peça de cachimbo de caulim se quebre em dois ou 15 fragmentos, continua sendo apenas um cachimbo.

Figura 3 - Anatomia de um cachimbo de caulim. Fonte: Adaptado de AYTO (AYTO, 2002:02).



A elaboração das fichas e a eleição de aspectos a serem observados no material fundamentaram-se, como mencionado, na bibliografia técnica informada anteriormente e na história da produção de cachimbos, contemplando suas transformações ao longo do tempo e variações em um mesmo período. Diante disso, julgamos pertinente realizar um breve histórico sobre a manufatura de cachimbos de caulim nos séculos XVIII e XIX, abarcando especialmente questões relativas à decoração, morfologia, custo e datação das peças. Essas informações serão importantes também para a interpretação da coleção antártica.

Com relação à decoração, é importante pontuar que, no século XVII, época em que "o fumo se tornou mais difundido" (HISSA & LIMA, 2017: 257), a maioria dos cachimbos não possuía decoração, apenas marcas dos produtores com as iniciais das famílias ou artesão no pedúnculo (AYTO, 2002). Os raros cachimbos decorados desse período eram, no geral, de origem holandesa, e neles "o desenho era estampado ou inciso manualmente no fornilho e/ou na haste e podia ser moldado em relevo" (AYTO, 2002: 4). Já no século XVIII, decorações em heráldica e brasões começaram a adquirir popularidade, estendendo sua produção para o século XIX. Símbolos maçônicos e desenhos de casas públicas e regimentos datam da metade do século XVIII. A partir de então, o padrão de folhagens nas costuras tornou-se bastante comum (AYTO, 2002: 5), padrão esse que, de acordo com Atkinson & Oswald (1980: 371), pode tornar-se um importante elemento para a datação quando presente na costura do fornilho (figura 3):

Figura 4 - Tabela com datações a partir de marcas de molde na linha de costura do fornilho. Fonte: Adaptado de Atkinson & Oswald (1980).

ATRIBUTOS DATÁVEIS DA LINHA DA COSTURA		
DATAÇÕES	**DECORAÇÃO DA COSTURA**	**FONTE**
1740 - 1760	As folhas da costura eram muito largas.	Atkinson e Oswald (1980)
1740 - 1770	As folhas e as flores da costura são muito largas.	Atkinson e Oswald (1980)
1770 - 1790	As folhas da costura eram de tamanho medio e possuíam algumas flores.	Atkinson e Oswald (1980)
1780 - 1820	As folhas da costura eram de tamanho pequeno e as flores aparecem em maior quantidade.	Atkinson e Oswald (1980)
1790 - 1820	As costuras são apenas de flores.	Atkinson e Oswald (1980)
1810 - 1850	As folhas das costuras são muito pequenas e apresentam ranhuras.	Atkinson e Oswald (1980)

Na metade do século XIX, as decorações tornaram-se mais variadas, incluindo "diferentes tipos de slogans, desenhos descrevendo casas públicas, (...) navios de pesca, animais, peixes, frutas, flores e outros" (AYTO, 2002: 5). Foram fabricados, nesse período, cachimbos extravagantes, que possuíam "desenhos nas paredes laterais do fornilho" e alterações na forma do fornilho. Alguns passaram a conter desenhos de cabeça de dragão,

figuras macabras e representações de sujeitos comuns, incluindo comediantes conhecidos e outros personagens cotidianos (AYTO, 2002: 5).

No tocante ao preço dos cachimbos, seu custo poderia variar de acordo com seu comprimento, técnica de acabamento e presença ou ausência de decoração (HIGGINS, 1995; PEARCE, 2007). No século XIX, entretanto, com a decoração em cachimbos tornando-se cada vez mais comum, a presença de decoração, por si só, não pode ser considerada um elemento de distinção no preço. Pearce (2007), a esse respeito, salienta que cachimbos decorados com simples folhagens, caneluras ou nervuras verticais, um padrão decorativo, como mencionado, muito corriqueiro e estandardizado, não atingiam preços muito superiores aos dos cachimbos planos (não decorados), uma vez que não representavam a habilidade técnica do artesão na sua confecção.

Assim como a decoração, a morfologia dos cachimbos também sofreu alterações no correr dos séculos. Especialmente no período setecentista, modificações substantivas ocorreram na qualidade das peças. Suas dimensões tornaram-se mais acuradas e com melhor acabamento. Os fornilhos passaram a ter paredes mais finais e a haste tornou-se mais delgada, modificações possibilitadas pelo desenvolvimento das técnicas de queima e modelagem (AYTO, 2002). Alterações no pedúnculo também remontam ao século XVIII. Segundo Ayto (2002:5), no início desse século, foram contemporâneos pedúnculos planos (reto ou largo, chamado de *"heel"*) e compridos (pontudo, fino ou largos, denominados *"spur"*), além de cachimbos produzidos sem pedúnculo, os quais se tornaram bastante populares na América do Norte entre 1720 a 1820. Já na metade do século XVIII, surgiram os cachimbos extralongos, estimados pela pequena nobreza. Inicialmente chamados '*aldermen*' e posteriormente de '*straws*', sua haste tinha entre 45 e 60 cm de comprimento, e o diâmetro da borda era de cerca de 2,4 cm. Esses e alguns cachimbos planos foram "ordem do dia" no século XIX (AYTO, 2002: 4-5). Também foram produzidos cachimbos maiores, de até 90 cm, popularmente conhecidos como '*churchwardens*'. Esses últimos, no entanto, por serem considerados pouco práticos, tiveram uma fase passageira; e versões curtas (chamados de curtos *"churchwardens"*) foram, de certo modo, bastante comuns (AYTO, 2002: 5)

Conforme Ayto (2002), ainda que houvesse cachimbos compridos e excessivamente decorados, trabalhadores costumavam utilizar os curtos, levando em conta o preço (inferior ao dos compridos) e também a possibilidade de os utilizar de forma associada a outras atividades:

> Apesar de existirem cachimbos bem elaborados, os trabalhadores preferiam cachimbos curtos, que eram mais baratos e podiam ser 'bebidos' junto com cerveja em locais públicos. Esse novo hábito (fumar no momento de lazer), fomentou a produção de cachimbos curtos como o escocês 'cutty' e o irlandes 'dudheen', porém a maioria das pessoas quebrava a haste dos cachimbos longos para atender as suas necessidades. (...) (AYTO, 2002: 5).

Acerca da prática de quebrar as hastes dos cachimbos mencionadas anteriormente por Ayto (2002), Beaudry *et al* (2007) a identificou entre os trabalhadores do Complexo Boot Mills, voltado à produção têxtil nos Estados Unidos em meados do século XIX, e a caracterizou como um elemento de identificação social ou mesmo de "orgulho de classe".

Após analisar questões associadas à manufatura dos cachimbos, realizamos ainda uma revisão acerca dos métodos de datação. Em função de terem se tornado cada vez mais frágeis e quebradiços, alguns autores afirmam que o período de vida útil das peças era curto (cerca de 2 anos); ademais, normalmente, eram pouco reutilizados (HIGGINS, 1995). Destarte, em comparação a garrafas e louças, por exemplo, as datas da produção dos cachimbos são, de modo geral, mais fiáveis para o entendimento do período de

ocupação média de um sítio, não havendo uma larga distância temporal entre sua produção, uso e descarte.

No levantamento realizado, identificamos que muitos(as) arqueólogos(as) apoiam-se no método de Binford (1978) para datar a coleção. Esse método baseia-se no gráfico elaborado por Harrington (1978), que define intervalos de tempo para a manufatura das peças tendo como base o diâmetro interno do furo da haste de um cachimbo[13]. Binford (1978) formulou uma regressão linear de forma a alcançar uma fórmula que contempla as porcentagens estabelecidas nos gráficos para seu uso em diferentes amostras arqueológicas, podendo, assim, de forma mais simples, aplicar a redução regular dos diâmetros internos das hastes de cachimbos através do tempo, observada por Harrington (1978), para a aproximação da data média de qualquer amostra de hastes:

Figura 5 - Fórmula de datação média da amostra proposta por Binford (1978)[14].

$$Y = 1931.85-38.26X$$

De acordo com McMillan (2010), porém, a fórmula de datação não substitui a interpretação contextual do sítio. Cachimbos com formas anômalas podem existir ao longo dos anos e causar distorções nos resultados. Além disso, variações no processo de formação dos sítios, amostragens equivocadas, redes de comércios locais e longos ou curtos períodos de ocupação de um assentamento são aspectos importantes a serem considerados. Dessa forma, para além da fórmula de Binford (1978), utilizamos outros critérios de datação da coleção, tais como: decoração, formato do fornilho, detalhes da costura do fornilho, acabamento do molde no pedúnculo etc. Alicerçados nessas informações, iniciamos o estudo da coleção de cachimbos de caulim do LEACH-UFMG. Buscamos entender de que forma os foqueiros, lobeiros e baleeiros os incorporam quando acampados nas Ilhas Shetland do Sul.

O FUMO EM CACHIMBOS DE CAULIM NO PARALELO 60: ENREDANDO MATERIALIDADE, MASCULINIDADE E IDENTIDADE SOCIAL NO EXTREMO SUL

Desde 2010, a equipe do projeto "Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica" realiza escavações nas Ilhas Shetland do Sul. Ao todo, cerca de 30 sítios foram identificados, dos quais 11 foram escavados pelo LEACH[15] (ZARANKIN & SENATORE, 2007; ZARANKIN *et. al.*, 2011).

Apesar de possuírem formatos muito diferentes (quadrangular, retangular, semicircular e irregulares), os sítios, de modo geral, agrupam-se em dois tipos principais: um de maior tamanho (com cerca de 20 m^2), no qual os trabalhadores desenvolviam atividades cotidianas, como dormir, jogar, comer, beber e fumar; e outro menor (com cerca de 5 m^2), onde os animais abatidos eram processados, e/ou era realizado o armazenamento de sua gordura e pele (ZARANKIN & SENATORE, 1996; VILAGRAN

[13] Harrington (1978) analisou 330 cachimbos de três sítios diferentes da Virgínia, EUA, e afirmou que as hastes vão se tornando cada vez mais compridas e largas com o tempo; o que se relaciona com a espessura do arame utilizado para furá-las (mais fina) bem como melhorias nas técnicas de produção, que evitavam que as peças se quebrassem durante a manufatura. Em função disso, o autor entendeu que seria possível realizar datações dos cachimbos a partir do diâmetro do furo da haste.

[14] Na fórmula, Y é a data de produção; o ano de 1931.85 é a data atribuída por Binford (1978) como sendo o momento em que o diâmetro chegaria a 00 (com base em projeção retilínea); 38,26 é a inclinação da linha e o intervalo médio dos períodos de produções propostos por Harrington (1978); e "X" é a média do diâmetro das hastes da amostra.

[15] Os sítios arqueológicos que foram escavados por nossa equipe são: Sealer 3 (2010), Sealer 4 (2010), Pencas 3 (2011), Punta Varadero (2011), PX-1 (2012), PX-2 (2012), PX-3 (2012), Punta Elefante-2 (2014), X1 (2014), Sealer 1 (2017) e Lima Lima (2018 e 2019).

et al, 2016). Esses acampamentos, por via de regra, eram construídos de forma improvisada, tendo seus limites estabelecidos a partir de muros com rochas sobrepostas e apoiados em afloramentos rochosos. Costumavam ter largura entre 0,60 m e 1,0 m e altura máxima de 1,60 m (ZARANKIN & SENATORE, 1996). Para sustentação do telhado, utilizavam-se costelas e mandíbulas de baleias, e um tecido ou lona compunha o teto. Dentro desses refúgios, vértebras de baleias eram utilizadas como mobiliário, e duas ou três fogueiras eram construídas para aquecer e cozinhar (figura 6).

Figura 6 - Sítio arqueológico Punta Varadero, apoiado em afloramento rochoso. À esquerda, o recinto maior; à direita, contíguo ao anterior, o recinto menor. Presença de costelas de baleia usadas para sustentação do telhado.
Fonte: Acervo LEACH, 2011 (autor da foto Andres Zarankin).



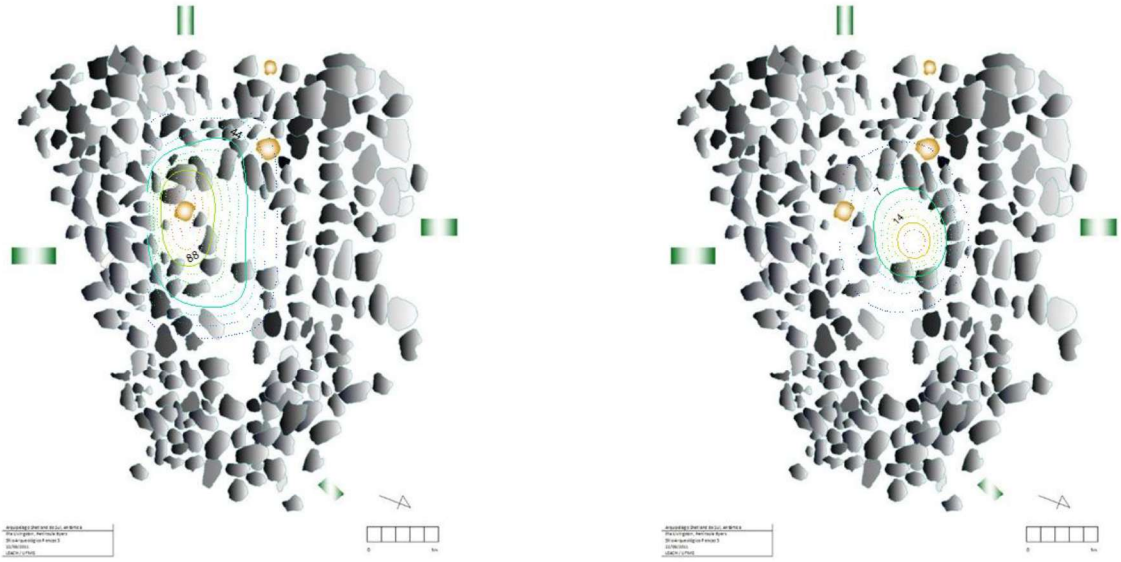
Ao realizar um mapeamento da dispersão dos vestígios arqueológicos nos sítios, foi possível identificar as áreas de concentração dos materiais dentro dos acampamentos. Esse trabalho foi desenvolvido através do software *SYSTAT*, que produz gráficos estatísticos de distribuição de material, distribuindo os dados quantitativos espacialmente e analisando comparativamente com as plantas/croquis elaborados em campo[16]. A maior parte dos vestígios arqueológicos coletados em sítios antárticos localizam-se no entorno da fogueira, dentro dos refúgios, local onde, provavelmente, os grupos foqueiros desenvolviam atividades diversas. Os materiais coletados caracterizam-se por fragmentos de madeira, metal, tecido, couro, osso, cerâmica, vidro e outros; e dão forma a peças como porretes, estacas, jogos, munições, facas, barris, botões, luvas, sapatos, garrafas, etc.

Os resultados obtidos indicam que, no geral, os fragmentos de cachimbos foram descartados nos abrigos em que as atividades cotidianas eram realizadas. Nos refúgios destinados à estocagem ou processamento da caça, não foram localizados cachimbos; e,

[16] A utilização do *Systat* para análise de sítios arqueológicos históricos foi proposta, pela primeira vez no Brasil, pelos arqueólogos Souza & Symanski (SOUZA & SYMANSKI, 1994: 25), com a finalidade de "apresentar algumas alternativas analíticas e interpretativas para a realização de estudos sobre espacialidade em sítios históricos". Esse método gera "mapas de contorno" que expressam "gradientes de densidade de artefatos", a partir dos quais é possível realizar análise distribucional intra-sítio e proceder a estudos inter-sítio.

na maioria dos casos, os fragmentos de cachimbos não estão concentrados, exclusivamente, próximos às áreas onde se encontram fogões ou vértebras de baleia (usadas como banco e mobiliário de modo geral), mas em diferentes lugares dentro dos refúgios, ou seja, inclui a região das fogueiras e/ou vértebras, mas não se restringe a ela (figura 7).

Figura 7 - Mapa de contorno com a dispersão dos fragmentos arqueológicos no sítio Pencas 3: esquerda dispersão de todos fragmentos do sítio; dispersão exclusiva dos fragmentos de caulim.



Dessa forma, podemos entender que a prática de consumir tabaco em cachimbos de caulim na Antártica ocorria onde a maior parte das atividades cotidianas eram desenvolvidas: fumar, beber, comer, conversar, jogar e aquecer, possivelmente, foram ações compatíveis e praticadas em momentos de relaxamento, descanso, diversão e alimentação. Fumar foi um evento público, coletivo e associado a várias outras esferas da vida cotidiana dos grupos foqueiros quando acampados.

Dito isso, torna-se importante apresentar as peças que, em associação aos grupos foqueiros, materializaram o hábito de fumar no extremo sul, ou seja, indicar seus formatos, tamanhos, decorações, datações e demais características que ajudem a compreender os significados dessa prática e sua agência na formação de uma masculinidade específica.

Procedendo à identificação do NMP da coleção, constatamos até o momento o total de 18 peças de caulim e uma peça de metal (não contemplada neste artigo)[17]. Os cachimbos de caulim foram denominamos como peças: "A", "B", "C", "D", "E", "F", "G", "H", "I", "J", "K", "L", "M", "N", "O", "P", "Q" e "R" (figura 7).

[17] É importante considerar que a coleção antártica possui o total de 98 fragmentos de caulim. Contudo, entendemos que esses fragmentos dão forma ao número mínimo de 18 peças.

Figura 8 - Tabela de datação dos cachimbos de caulim da coleção antártica.

CACHIMBOS DE CAULIM DO LEACH - UFMG				
Cachimbo	**Fragmentos**	**Sítio**	**Datação**	**Fontes da datação**
Cachimbo A	Peça com fragmentos de fornilho, pedúnculo e haste (24 fragmentos)	Pencas 3 (Byers)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo B	Peça com fragmentos de haste e pedúnculo (dois fragmentos)	Pencas 3 (Byers)	Pós-1800	Presença de marca de molde no pedúnculo (Pearce, 2007)
Cachimbo C	Peça com fragmento de haste e pedúnculo (um fragmento)	Pencas 3 (Byers)	1779	Fórmula Binford (1978)
Cachimbo D	Peça com fragmento de fornilho, pedúnculo e haste (um fragmento)	Pencas 3 (Byers)	Pós-1800	Presença de marca de molde no pedúnculo (Pearce, 2007)
Cachimbo E	Peça com fragmento de fornilho e pedúnculo (um fragmento)	Pencas 3 (Byers)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo F	Peça com fragmento de fornilho (um fragmento)	Pencas 3 (Byers)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo G	Peça com fragmento de haste (um fragmento)	Sealer 4 (Byers)	1779	Fórmula Binford (1978)
Cachimbo H	Peça com fragmentos de haste e pedúnculo (dois fragmentos)	Sealer 4 (Byers)	Pós-1800	Presença de marca de molde no pedúnculo (Pearce, 2007)
Cachimbo I	Peça com fragmento de fornilho (um fragmento)	Punta Varadero (Byers)	1779	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo J	Peça com fragmento de haste (um fragmento)	PX-1 (Byers)	1740	Fórmula Binford (1978)
Cachimbo K	Peça com fragmento de fornilho (um fragmento)	PX-2 (Byers)	1740	Fórmula Binford (1978)
Cachimbo L	Peça com fragmentos de haste, pedúnculo e fornilho (dois fragmentos)	X-1 (Punta Elefante)	Pós-1800	Presença de marca de molde no pedúnculo (Pearce, 2007)
Cachimbo M	Peça com fragmentos de haste, pedúnculo e fornilho (um fragmento)	X-1 (Punta Elefante)	Pós-1800	Presença de marca de molde no pedúnculo (Pearce, 2007)
Cachimbo N	Peça com fragmento de haste e pedúnculo (um fragmento)	X-1 (Punta Elefante)	Pós-1800	Presença de marca de molde no pedúnculo (Pearce, 2007)
Cachimbo O	Peça com fragmento de fornilho (um fragmento)	PE-2 (Punta Elefante)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo P	Peça com fragmentos de fornilho (dois fragmentos)	PE-2 (Punta Elefante)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo Q	Peça com fragmento de haste, pedúnculo e fornilho (um fragmento).	Sealer 1 (Byers)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Cachimbo R	Peça com fragmento de fornilho (um fragmento)	PE-2 (Punta Elefante)	1820-1840	Costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)

Figura 9 - Coleção de cachimbos de caulim do LEACH-UFMG: peças da primeira coluna, de cima para baixo, da direita para esquerda A, Q, P, R, O, F, I; peças da segunda coluna, de cima para baixo K, C, J, D, N, E, M, G, H, L, B. Fonte: Acervo LEACH, 2018 (autores da foto Fernanda Codevilla Soares e Will Lucas Silva Pena).



A coleção, de modo geral, caracteriza-se por três peças planas sem decoração ("Q", "M" e "L") e por oito peças com decorações estandardizadas, as quais apresentam folhas e flores distribuídas pelo fornilho ("A", "D", "F", "I", "N", "O", "P", "R"). Nas demais peças, sendo um total de sete, não foi possível identificar a presença ou ausência da decoração, visto que os fragmentos constituintes não possuíam elementos diagnósticos para essa classificação ("B", "C", "E", "G", "H", "J", "K") (figura 8).

A datação média do acervo foi atribuída a partir de elementos decorativos, características da manufatura e fórmula de Binford (1978). As peças "A", "E", "F", "I", "O", "P", "Q" e "R" puderam ser datadas a partir da marca de molde de folhas na costura do fornilho (figura 9), correspondente ao tipo AO21 de Atkinson & Oswald (1980), cuja data de produção é 1820-1840 (tabela 07).

Figura 10 - Detalhe da marca de molde de folhas na costura do fornilho da peça "R" (autores da foto Fernanda Codevilla Soares).



Também realizamos a datação por meio do pedúnculo dos cachimbos "B", "D", "H", "L", "M" e "N", os quais apresentam marcas de molde no "spur", sendo este um elemento constitutivo das peças produzidas pós-1800 (sem limite posterior), quando se abandonou, de forma paulatina, a prática de aparar o pedúnculo retirando a sobra do molde[18].

Por fim, procedemos à datação dos cachimbos através da fórmula de Binford (1978), aplicando-a na coleção como um todo[19]. Notamos que, em cada sítio, o tamanho do furo da haste era sempre idêntico. Cabe destacar, contudo, que apesar de termos aplicado a fórmula, acreditamos que os resultados gerados por ela são limitados, visto que os cachimbos oitocentistas não possuem um padrão no tamanho do diâmetro do furo da haste (BINFORD, 1978). Além disso, a amostra analisada não apresenta grande quantidade de hastes, as quais são necessárias para uma menor margem de erro (HARRINGTON, 1978). Entendemos suas limitações e as utilizamos como indicativo e não datação absoluta (MCMILLAN, 2010).

Para além da datação média de produção das peças, analisamos a decoração dos cachimbos a fim de debater questões acerca do papel dessa materialidade na conformação de um *socius* específico. Nesse sentido, é notório o fato de que todos os cachimbos decorados possuem motivos semelhantes: folhas e pequenas flores esparsas. Notamos dois padrões decorativos principais: o primeiro composto por folhagens e flores; o segundo, por ramos com folhagens, flores e canelado na borda (imagens 10 e 11).

Figura 11 - Padrão decorativo 1, peças de cima para baixo, da esquerda para direita: "A", "E", "D", "F", "I". Detalhe da decoração da peça A, idêntica às demais. Fonte: Acervo Leach, 2018 (Desenho: Matheus Miranda Motta).



[18] Higgins (HIGGINS, 2004 apud PEARCE, 2007: 3) afirma que a presença de marca de molde no pedúnculo relaciona-se ao momento no qual os cachimbos decorados tornaram-se mais populares, e também quando o cuidado com sua fabricação foi, de modo geral, menor. Ainda que muito abrangente, também temos utilizando esse dado como um importante demarcador temporal.

[19] Aplicamos a fórmula de Binford (BINFORD, 1978) em todas as hastes da amostra, independe de constituírem peças ou não. Ou seja, mesmo aquelas hastes que não foram identificadas como NMP (e por isso, inicialmente descartadas da ficha de análise) foram incluídas no conjunto que foi submetido às medições pela fórmula, a fim de aumentar a quantidade de fragmentos mensurados.

Figura 12 - Padrão decorativo 2, peças "O", "P" e "R". Detalhe da decoração da peça "R", idêntica às demais. Fonte: Acervo LEACH, 2018 (Desenho: Fernanda Codevilla Soares).



Embora o valor pecuniário dos objetos possa ser uma das justificativas para a recorrência decorativa dos cachimbos da coleção antártica, visto ambos padrões serem um tipo usual, estandardizado e muito barato no século XIX (PEARCE, 2007), entendemos que as motivações para a aquisição dessas peças, por parte dos grupos foqueiros, poderiam extrapolar o fator econômico.

Se nos lembrarmos da cultura material remanescente das escavações arqueológicas em *Five Points*, veremos um contexto em que, apesar das baixas condições econômicas dos(as) moradores(as) do bairro, caracterizados por uma maioria de operários imigrantes, seus bens de consumo denotavam "bom gosto" e não eram os mais baratos existentes no mercado internacional (YAMIM, 2001). O mesmo foi verificado na Estação baleeira *Adventure Bay*, onde cachimbos com decorações, formas e símbolos diversos foram coletados (LAWRENCE, 2006). Logo, a associação entre baixo poder aquisitivo e peças de baixo custo não se dá de forma direta e sem problematizações.

Levando em conta o contraste entre a homogeneidade decorativa dos cachimbos de caulim escavados nas Shetland do Sul e os encontrados em *Five Points* e *Adventure Bay*, buscamos informações que nos ajudassem entender a particularidade da coleção Antártica para além do fator econômico. Nesse sentido, acreditamos que compreender a forma pela qual esses marinheiros adquiriram os cachimbos é um aspecto importante a ser levado em consideração. Cabe considerar que, em função das longas viagens, as embarcações baleeiras eram providas com um *slop-chest*, uma espécie de loja disposta no navio contendo artigos (roupas, tabaco, canivetes, etc.) que a tripulação poderia adquirir ao longo do percurso mediante um sistema de crédito (HOHMAN, 1928; CREIGHTON, 1995). Esse sistema de venda era, decisivamente, rentável para os donos das embarcações, posto as mercadorias serem vendidas pelo dobro do preço de mercado, levando a uma margem de lucro de 100% (HOHMAN, 1928)[20]. No *slop-chest*, geralmente, não existia grande variedade nos artigos disponibilizados, o que justificaria a homogeneidade da coleção de cachimbos encontrada nos sítios.

Essa possibilidade é endossada, materialmente, pela presença de marcas de produção em algumas peças. No total, identificamos três cachimbos com as letras "M" ou

[20] No *logbook* escrito por William A. Abbe ([s/d]), relativo à sua viagem no navio Atkins Adams, o marinheiro e estudante de direito traz uma listagem das compras realizadas no *slop-chest*: somado a suspensórios, chapéus, panelas, sapatos, entre outros itens, encontra-se a compra de 48 cachimbos, além de oito *pounds* de tabaco (~3,64 kg). Muito provavelmente, o estoque de cachimbos em um *slop-chest* não contemplava variações decorativas, decorrendo na similaridade de todos os cachimbos dentro de uma embarcação. Sobre esse ponto, cabe pontuar que em nenhum dos diários analisados, nem nos livros de literatura baleeira, há menções às decorações dos cachimbos. É possível que a própria padronização estética seja um motivo para essa ausência.

"W" moldadas em relevo no pedúnculo (peças "L", "M" e "Q"). Além dessas letras, na outra face do pedúnculo, as peças apresentam variações de marcas: o cachimbo "M", por exemplo, apresenta a letra "R"; o cachimbo "Q" apresenta uma marca que não foi possível identificar devido à baixa qualidade do molde; e o cachimbo "L" não apresentava nenhuma marca. Assim, mesmo não sabendo a procedência dessas marcas, visto que não conseguimos identificar seus produtores, entendemos que a similaridade entre elas pode sugerir uma origem comum, o que endossa a ideia de terem sido vendidas no *slop-chest*.

Figura 13 - Detalhe da marca de produção no pedúnculo da peça "M". Em um dos lados da peça, molde em alto relevo da letra "W" ou "M"; no outro, alto relevo da letra "R" (autora da foto: Fernanda Codevilla Soares).



Figura 14 - Detalhe da marca de produção no pedúnculo das peças "L", com a marca em alto relevo da letra "W" ou "M"; e da peça "Q", com a marca em alto relevo da letra "W" ou "M" (autora da foto: Fernanda Codevilla Soares).



A similaridade das peças (decoração, marcas de produção e formato) poderia sugerir, de forma determinista e normativa, uma homogeneização entre os grupos desembarcados em solos antárticos, tendo em vista, por um lado, a inexistência de peças caras (seja pela matéria-prima utilizada, seja pela decoração encontrada), as quais poderiam indicar uma diferenciação social entre o grupo; e por outro lado, a inexistência de peças com formatos e motivos decorativos que sugerissem uma identidade étnica ou nacional específica (cachimbos com bandeiras de países, motivos maçônicos, símbolos religiosos e outros).

Todavia, analisando historicamente o grupo de foqueiros, lobeiros e baleeiros, notamos que essa suposição (da homogeneidade social) não se confirma quando se leva em conta o tipo de agrupamentos que compunha as embarcações de caça marítima. Segundo informações históricas, a tripulação do castelo de proa de um navio baleeiro, a mais numerosa e de menor relevância hierárquica, era bastante diversa e heterogênea. Dormindo no mesmo espaço, encontravam-se homens brancos, negros e indígenas; filhos de capitães de navio; universitários; filhos de fazendeiros ou operários; criminosos condenados tentando escapar da lei, etc (HOHMAN, 1928). A diferença na composição de um navio poderia certamente tencionar a convivência nos anos de duração de uma viagem, havendo especial discriminação contra tripulantes afro-americanos, nativos do Pacífico e cabo-verdianos (SALERNO, 2006).

Tendo em vista essa diversidade e a situação de conflito eminente, Shoemaker (2015:40) lembra que "o gênero tinha a capacidade de aliviar as tensões enraizadas no fator racial e étnico, dando aos baleeiros um meio de construir uma cultura do navio em torno de uma identidade comum enquanto homens". Manter uma atmosfera tolerante resultava em um proveito maior para todos os envolvidos, já que o ordenado de um marinheiro variava conforme a quantidade de animais caçados e, portanto, dependia de sua capacidade de trabalhar em conjunto. Philbrick (2000:51) afirma ainda que "[n]a hora de um apuro, o capitão não se importava se um marinheiro era branco ou negro; só queria saber se podia confiar no homem para executar determinada tarefa". Entendendo, na esteira da reflexão de Shoemaker (2015), a categoria do sexo/gênero como fulcral à formação de uma identidade uníssona no complexo de diferenças existente no navio, podemos antever o papel que o ato de fumar teve na conformação dos navegantes enquanto uma unidade masculina, visto o fumo ter sido um divisor de águas entre as polaridades sexuais instituídas no século XIX, como colocado anteriormente.

No caso dos cachimbos analisados, a unicidade do padrão decorativo em contraste às diferentes categorias seccionais correspondentes aos marinheiros em uma embarcação foqueira ou baleeira é ainda mais informativa. Sendo adquiridos no próprio navio, os cachimbos, assim como o vestuário e os calçados, estandardizavam a tripulação do castelo de proa, despindo as diferenças e auxiliando na formação de uma identidade coesa. Nesse aspecto, a centralização da cultura material a partir do comércio no *slop-chest* pode vincular-se a um processo de disciplinarização dos corpos, nos termos do filósofo Foucault (1987), tratando-se de um mecanismo que visava estabelecer controle e normalização sobre os indivíduos. Encarando o sexo, o gênero e o corpo a partir das premissas de Butler (1990, 2001), apura-se que a associação de um padrão comum de vestimentas e acessórios, entre eles, o cachimbo, instituía uma identidade que, em constante reiteração, pontuava aos marinheiros seu caráter distintivo enquanto tais e seu pertencimento àquela categoria específica: homens do mar.

Correlacionar essa uniformidade a um padrão e a um processo de domesticação dos corpos, como pontuado acima, dá-nos um primeiro aporte compreensivo. É necessário, porém, ater-nos também às "táticas" e "estratégias" antidisciplinares, de acordo com os preceitos do historiador Certau (1994: 40), "as bricolagens de inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei", trazendo, assim, um vislumbre às possíveis resistências cotidianas antagônicas às tecnologias de normatização e disciplinarização. Especificamente em nosso caso, isso implica extrapolar as conclusões a respeito da padronização decorativa dos cachimbos centradas em uma tentativa de padronização dos marinheiros por parte das esferas superiores do navio, os quais comandavam a venda dos produtos; implica também indagar sobre o papel dos próprios navegantes no estabelecimento dessa homogeneidade.

Ainda que os cachimbos fossem acessórios estocados e postos à venda no *slop-chest*, não havia uma regra proibitiva que impedisse que esses objetos fossem trazidos do continente ou mesmo comprados nos portos em que as embarcações atracassem. Caso os marinheiros desejassem demarcar uma diferenciação a partir desses objetos (seja ela social, étnica, nacional etc), não teriam maiores dificuldades em fazê-lo.

Em se tratando de nossa amostra, a similaridade decorativa dos cachimbos indica-nos, assim, tanto uma tentativa de uniformização dos marinheiros quanto uma aceitação, ou uma concordância, ante esse processo. Vê-se que, entre os marinheiros que desembarcavam nas Ilhas Shetlands do Sul, não se postulava a necessidade de edificar uma barreira material entre indivíduos, ao menos não a partir dos cachimbos e nem durante o fumo. Essa concordância reflete, por um lado, o sucesso na construção de homens sob o legado da tradição marítima, processo mediado pela materialidade apensa a essa tradição; e, por outro, uma volição dos indivíduos que embarcavam nas caçadas de se adequarem ao campo de normativização estabelecido, reafirmando-o em suas escolhas. A construção de sujeitos masculinos, nesses conformes, obviava, ao menos potencialmente, presumíveis cisões sociais, e criava uma nova argamassa, cujo campo de identificação e oposição se ancorava em outros hemisférios.

De forma complementar, se analisarmos a forma como se dava a prática de fumar entre os desembarcados em solos antárticos, notamos uma reafirmação desses hábitos e seus significados em vários momentos do dia. De fato, a partir dos estudos dos cachimbos, bem como das fontes documentais, não encontramos nenhum indício que sugerisse comedimento na ingestão do tabaco por parte dos grupos foqueiros na Antártica. Pelo contrário, é provável que eles os utilizassem incessantemente conforme sugere London ([1904] 2011). Melville ([1851]2012), por exemplo, afirma a existência de um "fumar contínuo", e completa que o homem do mar "fumava um depois do outro (...) ascendendo-os em série".

No livro "Os trabalhadores do mar" (HUGO, [1899], 2014), o cachimbo era considerado tão cotidiano que integrava parte da mobília de um quarto. O segundo imediato do navio Pequod, da obra de Melville ([1851] 2012), tinha no cachimbo uma extensão de sua corporalidade:

> Entre outras coisas, talvez o que fizesse de Stubb um homem tão despreocupado e destemido, que suportava com tanta alegria os fardos da vida em um mundo repleto de graves vendedores ambulantes curvados até o chão com sua carga, o que o auxiliava a manter seu bom-humor quase ímpio talvez fosse seu cachimbo. Pois como seu nariz, o pequeno cachimbo negro era um dos traços naturais de seu rosto. Talvez nos espantávamos menos se ele surgisse de seu camarote sem o nariz que sem o cachimbo. Mantinha uma fileira de cachimbos preparados em seu camarote, fincados em uma prateleira ao alcance de sua mão, e sempre que ali entrava fumava um depois do outro, ascendendo-os uns nos outros até o fim da série. Quando Stubb se vestia, em vez de enfiar as pernas nas calças colocava o cachimbo na boca.
>
> Afirmo que esse fumar contínuo provavelmente era uma das causas de sua peculiar disposição, pois todos sabem que o ar que respiramos neste planeta, seja em terra ou no mar, está terrivelmente afetado pelas mais revoltantes desgraças dos inumeráveis mortais que o exalaram ao morrer. E assim como em tempos de cólera algumas pessoas andam por aí com um lenço embebido em cânfora diante da boca, do mesmo modo a fumaça do tabaco de Stubb pode ter agido como uma espécie de agente desinfetante contra todas as mortais atribulações (MELVILLE, [1851] 2012:132)

De modo geral, de acordo com a literatura e análise da dispersão dos vestígios no sítio, não existia um lugar circunscrito para a prática ser realizada e nenhum um tipo de

proibição ao seu consumo. É possível que o fumo fosse ingerido em grandes quantidades e a qualquer momento. Consumia-se tabaco no ambiente privado dos camarotes, na área pública do convés, na proa, na popa e até no bote baleeiro. A liberdade sugerida pela ausência de regras beirava a uma exacerbação, a ponto de o fumo ser considerado um item indispensável na constituição corporal desses trabalhadores como homens do mar.

Possivelmente, os marinheiros que rumaram ao sul negavam as determinações moralizantes e médicas oitocentistas. Cabe lembrar que, no século XIX, o autocontrole era promovido como uma forma segura de ingerir tabaco: "para ser perigoso, tinha que ser abusado; e para ser seguro, tinha que ser fumado com moderação" (RUDY, 2005:22). Esses trabalhadores preferiam ingerir o tabaco em grandes quantidades e não regular seu consumo de acordo com os padrões sociais e sanitários instituídos.

Além disso, é importante lembrar que o fumo era extremamente regulado nos países de onde os marinheiros partiram. De fato, enquanto uma prática generificada, consumir tabaco não poderia ser realizado em lugares onde as mulheres estavam ou frequentavam. No ambiente doméstico ou público, existiam espaços e momentos específicos para fumar. Se, por ventura, homens e mulheres se encontrassem em áreas públicas, na rua, por exemplo, a etiqueta determinava que o fumante deveria solicitar permissão às mulheres para continuar o fumo, ou interrompê-lo (RUDY, 2005). Complementarmente, no século XIX, alguns operários foram proibidos de fumar enquanto trabalhavam, a partir da justificativa de que a prática poderia causar incêndios nas fábricas. Rudy (2005) acredita que, na verdade, o tabagismo (listado na mesma categoria que o cantar e o falar) teve seu veto associado a uma prerrogativa patronal que visava disciplinar o trabalhador, não se tratando de um risco real para o ambiente de trabalho.

Levando em conta esses aspectos, é importante considerar que a Antártica era um lugar no qual as mulheres e os empregadores estavam ausentes; logo, o fumo poderia ser realizado sem qualquer tipo restrições. Estando na Antártica, que se incluía em um conjunto de espaços masculinos por excelência; assim como eram os clubes, as barbearias, as salas de bilhar, as charutarias, as escolas de Medicina e as tabernas (RUDY, 2005), optava-se por não definir um lugar específico para fumar e nem limitar o seu consumo. O excesso era uma forma desses trabalhadores incorporarem certos valores associados a uma masculinidade específica nas suas vivências diárias; fumar sem comedimento, e em qualquer lugar, reforçava a identidade de gênero desses operários enquanto "homens do mar", pouco afeitos às regras burguesas.

Cabe destacar que, nos cachimbos em que foi possível realizar a análise da extensão da haste, identificamos comprimento entre 0,38 cm e 0,72 cm. Segundo Ayto (2002), cachimbos de haste extralonga, com comprimento entre 45 cm e 60 cm, eram os preferidos das altas classe na metade do século XVIII, em oposição às classes operárias, que tendiam a optar por cachimbos de hastes menores, mais baratos e propícios de serem utilizados em locais públicos ou durante o trabalho. Contudo, mais uma vez, tentamos não limitar essa escolha ao aspecto econômico. Beaudry *et al* (2007), por exemplo, lembram que os trabalhadores "quebra[v]am as hastes de certos tipos de cachimbos de argila branca para encurtá-las antes de seu uso" (BEAUDRY *et. al.*, 2007:94), denotando que a escolha por cachimbos de hastes menores, longe de se pautar na falta de opção, expressava uma "filiação de classe", ou mesmo um "orgulho de classe" (BEAUDRY *et. al.*, 2007:93).

A escolha por cachimbos que se esquivavam do padrão das altas classes entrelaça-se, também, em uma concepção de gênero, tendo em vista a transversalidade dessa categoria, como propõe Almeida (1995). A construção da masculinidade em alto mar, o "tornar-se homem", envolvia um dissipar de traços considerados femininos: a delicadeza, a doçura, a ternura, qualidades, enfim, associadas aos ideais femininos da classe média da

época (CREIGHTON, 1995). Essas características, no entanto, no imaginário que se tecia nos oceanos, não se atavam apenas ao sexo/gênero feminino, mas também às performatividades elegidas como autênticas por outros indivíduos que se instalavam no campo da "hombridade" (DRUETT, 2001; CREIGHTON, 1995). Os ideais burgueses de masculinidade, por exemplo, baseados em um esforço de contenção, moderação e autocontrole (OLIVEIRA, 2004), se desencontravam, em muitos aspectos, da etiqueta masculina mais visível em um navio baleeiro. A oposição também se fazia ante a aristocracia de berço, cuja "suavidade", "insolência" e "falta de propósito" deram a argamassa de contraste para a constituição da masculinidade do homem operário e de classe média (HALLUM, 2012). No que diz respeito aos cachimbos, a preferência pelos de menor haste e parcamente decorados exterioriza uma negação pelo campo de valores eleitos como legítimos por homens das altas esferas. A recusa por elementos de ostentação dialoga com a tendência das classes médias e operária de associar o consumo de itens de "recreação pessoal" ou de "exibição elegante" ao hemisfério feminino (OSGERBY, 2003). Na batalha entre ideias de masculinidade, esse argumento — a crítica ao consumo conspícuo e vil — foi utilizado como forma de rebaixar propostas de gênero a outras classes (KUCHTA, 1996). Escolhendo cachimbos que reificavam essa desvalorização à "exibição elegante", foqueiros e baleeiros anunciavam a apreciação do "supérfluo" como elemento chave na separação do ser homem e do não ser.

Seja como instrumento de comunicação, apontando valores afirmados através dos objetos, seja como instrumentos identitários que tornam a ideia de um marinheiro sem um cachimbo pouco crível, é importante destacar a agência desses objetos na constituição de sujeitos sociais generificados. Se as identidades de gênero, como propõe Butler (2000; 2003), são construídas na repetição de atos performativos, ao estudar objetos que cercaram os hábitos mais cotidianos, colocamo-nos diante de práticas que foram essenciais à construção de uma expressão de gênero. Os caminhos que transformam performances em identidades não são trilhados sem que uma complexa rede de agentes atue, incluindo actantes humanos e não humanos.

Conforme afirma Latour (2012, p.65), os atores mediadores não são apenas ferramentas que veiculam informações, ao contrário, eles "transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam". Um ator mediador pode ser qualquer coisa, desde um sujeito, um objeto ou um coletivo; o importante é que ele tenha agência. Nesse sentido, entendemos os cachimbos de caulim enquanto atores mediadores visto que eles assumiram um papel importante no processo de constituição desses marinheiros, endossando entre eles uma masculinidade específica e os transformando em homens do mar. As peças de cachimbos, seus formatos, matéria-prima, decorações, comprimentos, usos e outras características enumeradas anteriormente somaram-se a esses operários os constituindo enquanto marinheiros e os potencializando a uma "hombridade" específica no extremo sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar a cultura material no soerguimento de identidades generificadas, pontuamos seu papel enquanto agentes na construção das relações que, por um lado, separavam homens e mulheres e, por outro, criavam, ou evidenciavam, uma segmentação no próprio grupo de sujeitos que se assumia na esfera da hombridade.

Buscando identificar-se como homens, dignos de tal nome, os trabalhadores do mar atrelaram-se a materialidades que transpareciam uma concepção de masculinidade pouco afeita ao consumo conspícuo ou à figuração elegante. Essas características, entendidas como da esfera feminina, criavam um enredo que tornava, nessa rede compreensiva, sua performatização de gênero mais legitimamente masculina.

Na Antártica, em particular, talvez essa expressão da masculinidade tenha encontrado seu ápice. Justamente por ser um lócus avulso à presença feminina e também às normatizações sociais, em seu sentido mais estrito, o consumo de tabaco pôde ser realizado em seu padrão mais performático, caracterizado pela negação das regras de etiqueta, já que o fumo não era circunscrito a um espaço específico; e das regras higienistas ou médicas, já que se fumava em quantidades desmedidas.

A título de conclusão, cabe nos questionar qual seria o motivo de fumar tabaco em cachimbos de caulim. Tendo em vista a gama de possibilidades que envolviam o consumo de tabaco no século XIX (rapé, cigarrete, charuto, mascado etc), por que realizá-lo através dos "sempiternos" e "fedorentos" cachimbos?[21]

Nesse sentido, é importante lembrar que o uso dos cachimbos de caulim era uma escolha partilhada por trabalhadores de todo o mundo, a qual diferenciava "homens", em sua perspectiva, dos "almofadinhas" ou "dandies", que preferiam o rapé[22], o cigarro ou o charuto (RUDY, 2005). Conforme pontuamos ao longo do artigo, entendemos que essa escolha relacionou-se a diversos fatores, sendo os principais: a disponibilidade existente nos *slop-chest*, que poderiam delimitar predileções; o preço de algumas peças, existindo a preferência pelos mais baratos; mas, principalmente, pelo fato de esses artefatos potencializarem os trabalhadores a incorporarem certos valores de classe e gênero na sua rotina.

O consumo de tabaco através dos cachimbos vestia esses operários como "homens do mar", criando a "argamassa" que lhes conferia unidade diante da diversidade. Conforme sugere a epígrafe, o cachimbo de caulim e o consumo de tabaco auxiliavam a apaziguar a mente e os ânimos, tornando-se o próprio cachimbo um companheiro nas longas jornadas. Se, por um lado, auxiliava a criar uma amizade ou uma identidade entre marinheiros, também era ele membro indispensável desse agrupamento de caçadores: sua mobília, sua paz, seu nariz.

Assim, a título de conclusão, entendemos que o consumo do tabaco em cachimbos de caulim modelou o relacionamento entre esses marinheiros e deles com a Antártica, formando parte de suas identidades, gestualidade e corporalidade. Vestir-se com os cachimbos e beber o tabaco são práticas que constituíram os foqueiros no século XIX quando desembarcados nas ilhas austrais.

Dessa forma, neste trabalho, enfocamos a formação de uma masculinidade específica – ou de uma tentativa de construção de hegemonia – mediada não somente pelo hábito de fumar, mas por uma forma específica de realizá-la. A partir de um protocolo característico, envolvendo desde a escolha por cachimbos, dentre todas as possíveis maneiras de se ingerir tabaco, até a quantidade de fumo ingerido, percebemos elementos que sedimentavam sujeitos-homens distintos, por exemplo, daqueles pertencentes à aristocracia ou à burguesia. Não obstante, apesar de essa oposição ter se tornado clara, remanesceram questões que intencionamos trabalhar futuramente: O hábito de fumar nos conformes estabelecidos era, em si, um hábito geral entre todos os agrupamentos de caçadores que se dirigiram às Shetlands do Sul? Em caso negativo,

---

21 No livro "O Lobo do Mar", London (2011[1904]) afirma que o cachimbo era "algo frágil", "sempiterno", e que o "tabaco [era] ordinário, barato e fedorento".

22 É importante considerar que inalar o tabaco na forma de rapé tornou-se uma prática altamente ritualizada, com uma série de acessórios. As caixas de rapé, por exemplo, nas quais o produto era guardado, poderiam ser feitas de porcelana, prata ou madeiras nobres (entre outras matérias-primas); possuíam tamanhos e designs variados; e eram excessivamente caras (possuíam o valor aproximado de uma jóia) e elegantes (GOODMAN, 2005). Geralmente, o consumo do rapé foi associado aos franceses e os cachimbos de caulim aos ingleses (LOKTU, 2012); porém, Goodman (GOODMAN, 2005) afirma que, no século XIX, aspirar rapé tornou-se muito popular, a ponto de suplantar o uso dos cachimbos em vários países, inclusive em algumas cidades inglesas.

haveria represálias àqueles que não compactuassem com esse elemento de hegemonia? Qual era a relação desses marinheiros com o hábito de fumar performatizado por indígenas mulheres que encontravam no curso de sua viagem? Essas e outras questões serão trabalhadas futuramente, com o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a temática.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Andres Zarankin pela leitura, à Sarah Hissa pela ajuda nas análises e Marcelo Rocha Brugger pela correção do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBE, William. A. [s/d]. *Journal of my Whaling Cruse in ship Atkins Adams*. Disponível em: <https://www.whalingmuseum.org/explore/library/projects/atkins-adams> (acesso em 30 de Maio de 2018).

ALBERTI, Benjamin. 2011. De Género a Cuerpo: una reconceptualización y sus implicaciones para la interpretación arqueológica. *Intersecciones en Antropología*, 2:61-72.

ALMEIDA, Miguel. V. 2000. *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. 2ª ed. Lisboa, Fim de Século. 264pp.

ATKINSON, David & OSWALD, Adrian. 1969. London clay tobacco pipes. *Journal of the British Archaeological Association*, 32(1):171-227.

ATKINSON, David & OSWALD, Adrian. 1980. The dating and typology of clay pipes bearing the royal arms. In: DAVEY, P. (Org.), *The Archaeology of the clay tobacco pipe III. Britain: the North and West*. [s/l], British Archaeological Reports, pp.363-389.

AULTMAN, Jennifer; BON-HARPER, Nick; GRILLO, Kate & SAWYER, Jesse. 2014. *DAACS Cataloging Manual: Tobacco Pipes*. Disponível em: <https://cdn.daacs.org/wp-content/uploads/2018/06/DAACSTobaccoPipeManual.pdf.> (acesso em 12 de Julho de 2018).

AYTO, Erick. G. 2002. *Clay tobacco pipes*. [s/l], Shire Publications. 32pp.

BEAUDRY, Mary. C.; COOK, Lauren. J. & MROZOWSKI, Stephen. A. 2007. Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 1(2):72-114.

BINFORD, Lewis. R. 1978. A new method of calculating dates from kaolin pipe stem samples. In: SCHUYLER, R. L. (Org.), *Historical Archaeology: a guide to substantive and theoretical contributions*. New York, Routledge, pp.66-67.

BUSCH, Briton. C. 1985. *The War against the Seals: A History of the North American Seal Fishery*. Kingston, McGill-Queen's University Press. 374pp.

BUTLER, Judith. 2000. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, pp.151-72.

BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. R. Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 236pp.

CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. de E. F. Alves. Petrópolis, RJ, Vozes. 351pp.

CONKEY, Margaret. W. & SPECTOR, Janet. D. 1984. Archaeology and the study of gender. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 7:1-38.

CONNELL, Robert. W. [CONNELL, Raewyn]. 2005. *Masculinities*. Berkeley, University of California Press. 349pp.

CREIGHTON, Margaret. S. 1995. *Rites and Passages: The Experience of American Whaling, 1830-1870.* New York, Cambridge University Press. 252 pp.

DRUETT, Joan. 2001. *Petticoat Whalers: whaling wives at sea, 1820-1920.* New Hampshire, UPNE. 219pp.

FOUCAULT, Michel. 2011. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. M. T. C. de Albuquerque & J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal. 176pp.

FOUCAULT, Michel. 1987. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. R. Ramalhete. Petrópolis, Vozes. 288pp.

GALLOWAY, Patricia. 2006. Material culture and text: exploring the spaces within and between. In: HALL, M. & SILLIMAN, S. (Org.). *Historical Archaeology*. [s/l], Blackwell Publishing, pp.42-64.

GILCHRIST, Roberta. 2012. *Gender and archaeology: contesting the past*. London and New York, Routledge. 208pp.

GONTIJO, Fabiano & SCHAAN, Denise. Sexualidade e teoria queer: apontamentos para a arqueologia e para a antropologia brasileiras. Revista de Arqueologia, v. 30, n. 2 (Especial: Crítica Feminista e Arqueologia). Págs. 51-70.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. 2007. Arqueología Simétrica: Un giro teórico sin revolución paradigmática. *Complutum*, 18:283-285.

GOODMAN, Jordan. 1993. *Tobacco in history: The cultures of dependence*. London and New York, Routledge. 280pp.

HALLUM, Kirby-Jane. 2012. Collecting men: masculinity and cultural capital in *The Woman in White*. *Victorian Network*, 4(1):27-47.

HARRINGTON, Jean. 1978. Dating stem fragments of seventeenth and eighteenth century clay tobacco pipes. In: SCHUYLER, R. (Org.), *Historical Archaeology: A guide to substantive and theoretical contributions*. New York, Bayood Publishing Copany Inc., pp.63-65.

HIGGINS, David. A. 1995. Clay tobacco pipes: a valuable commodity. *International Journal of Nautical Archaeology*, 24(1):47-52.

HISSA, Sarah. de B. V. & LIMA, Tania. A. 2017. Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 25(2): 225-268.

HOHMAN, Elmo. P. 1298. *The American whaleman: A study of life and labor in the whaling industry.* New York, Longman. 355pp.

HUGO, Victor. 2002. *Os trabalhadores do mar.* Trad. Machado de Assis. São Paulo, Editora Nova Cultura.

HUME, Ivor. N. 1969. *Artifacts of Colonial America*. New York, Alfred A. Knopf. 360pp.

KOHRMAN, Matthew & BENSON, Peter. 2011. Tobacco. *Annual Review of Anthropology*, 40:329-344.

KUCHTA, David. 1996. The making of the self-made man: class, clothing, and English masculinity, 1688-1832. In: DE GRAZIA, V. & FURLOUGH, E. (Orgs.), *The Sex of Things: gender and consumption in historical perspective*. Berkeley, University of California Press, pp.54-78.

LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos*. Trad. C. I. da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34. 152pp.

LATOUR, Bruno. 1995. Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 2(1):07-26.

LATOUR, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Trad. G. C. Cardoso. Salvador, Bauru, Edufba, Edusc. 399pp.

LAWRENCE, Susan. 2006. *Whalers and Free Men: Life on Tasmania's Colonial Whaling Stations*. North Melbourne, Australian Scholarly Publishing. 211pp.

LIMA, Tânia. A. 1995. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 3(1):129-191.

LIMA, Tânia. A. 1997. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 5(1):93-129.

LONDON, Jack. 2011 [1904]. *O lobo do mar.* Trad. P. Gonzaga. São Paulo, L&PM Pocket.

MCMILLAN, Lauren. 2010. Put this in your pipe and smoke it: An evaluation of tobacco pipe stem dating methods. *Dissertação de Mestrado*. Greenville, East Carolina University. 102pp.

MELVILLE, Herman. 2012 [1851]. *Moby Dick.* Trad. I. Hirsch e A. B. de Sousa. São Paulo, Cosac Naify.

NUNES, Daniel Minossi. 2014a. Nos bares, cafés e restaurantes de Porto Alegre: cultura material e o ideário moderno em meados do século XX. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas.

NUNES, Daniel Minossi. 2014b. Objetos construindo homens: xicrinhas para café e masculinidade hegemônica. Em: Anais do IV Encontro Internacional de Ciências Sociais: Espaços Públicos, Identidades e Diferenças, 18 a 21 de novembro de 2014, Pelotas, RS.

OLIVEIRA, Pedro. P. 2004. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte, Editora UFMG. 347pp.

OLSEN, Bjørnar. 2010. *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. Lanham, AltaMira Press. 208pp.

OSGERBY, Bill. 2003. A pedigree of the consuming male: masculinity, consumption and the

American 'leisure class'. *The Sociological Review*, 51(1):57-85.

PAGNOSSI, Nádia Carrasco. 2017. Construindo uma arqueologia de gênero. Revista de Arqueologia Pública, v. 11, n. 1. Campinas, SP. Págs. 50-66.

PIERCE, Jacqui. 2007. *Living in Victorian London: the clay pipe evidence*. Disponível em: <http://www.geog.qmul.ac.uk/victorianlondon/pdf/ClayPipe.pdf> (acesso em 25 de Junho de 2018)

PHILBRICK, Nathaniel. 2000. *No Coração do Mar: a história real que inspirou o Moby Dick de Melville*. Trad. R. Figueiredo. São Paulo, Companhia das Letras. 371pp.

RECKNER, Paul. E. 2001. Negotiating patriotism at Five Points: clay tobacco pipes and patriotic imagery among trade unionists and nativists in a nineteenth-century New York neighbourhood. *Historical Archaeology*, 35(3):103-114.

RIBEIRO, Loredana. 2017. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. Revista de Arqueologia, v. 30, n. 1. Págs. 210-234.

RIBEIRO, Loredana; FORMADO, Bruno; SCHIMIDT, Sarah; PASSOS, Lara. 2017. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismo em apuro bibliográfico. Estudos Feministas, v. 25, n. 3. Florianópolis, SC. Págs. 1093-1110.

RUDY, Jarrett. 2005. *The Freedom to Smoke: Tobacco Consumption and Identity*. Ithaca, McGill-Queen's University Press. 232pp.

SALERNO, Melisa. A. 2006. *Arqueología de la Indumentaria. Prácticas e Identidad en los Confines del Mundo Moderno (Antártida, siglo XIX)*. Buenos Aires, Del Tridente. 152pp.

SALERNO, Melisa. A.; ZARANKIN, Andres & SENATORE, Maria X. 2010. La visión cartográfica: expansión territorial y poder en el mundo moderno: el caso de las Islas Shetland del Sur (Antártida, principios del siglo XIX). In: ZARANKIN, A. & PATIÑO, D. (Org.), *Arqueologías históricas, patrimônios diversos*. Popayán, Sello Editorial Universidad de la Universidad del Cauca, pp.15-32.

SENE, Glaucia Malerba. 2017. Pela materialidade dos gêneros: Repensando dicotomias, sexualidades e identidades. Revista de Arqueologia, v. 30, n. 2 (Especial: Crítica Feminista e Arqueologia). Págs. 162-175.

SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. 1987. *Re-Constructing Archaeology: Theory and Practice.* New York, Cambridge University Press. 267pp.

SHOEMAKER, Nancy. 2015. *Native American whalemen and the world: indigenous encounters and the contingency of race*. Chapel Hill, University of North Carolina Press. 303pp.

STACKPOLE, Edward. 1955. *The Voyage of the Huron and the Huntress: the American Sealers and the Discovery of the Continent of Antarctica*. Hartford, the Marine Historical Association/ Connecticut Printers Incorporated. 86pp.

TINKLER, Penny. 2005. Women. In: GOODMAN, J. (Org.), *Tobacco in History and Culture: an Encyclopedia. Vol. 2*. Detroit, New York, San Francisco, San Diego, New Haven, Waterville, London, Munich, Thomson Gale, pp.679-687.

VOSS, Barbara. 2006. Engendered Archaeology: men, women and others. In: HALL, M. & SILLIMAN, S. W. (Org.), *Historical Archaeology*. London, Blackwell Publishing Ltd, pp.107-127.

WHITE, Susan. 2004. The dynamics of regionalisation and trade: Yorkshire clay tobacco pipes c1600-1800. In: DAVEY, P. & HIGGINS, D. A. (Org.), *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe XVIII*. Oxford, BAR British Series 374, Basingstoke Press, pp.163-185.

YAMIN, Rebecca. 2001. Alternative narrative: respectability at New York´s Five Points. In: MAYNE, A. & MURRAY, T. (Org.), *The archaeology of urban landscapes: explorations in slumland*. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Cambridge University Press, pp.154-170.

ZARANKIN, Andres; HISSA, Sarah; SALERNO, Melisa. A.; FRONER, Yacy-Ara; RADICCHI, Gerusa; ASSIS, Luís Guilherme & BATISTA, Anderson. 2011. Paisagens em Brancos: Arqueologia e Antropologia Antárticas – Avanços e Desafios. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 5(2):9-51.

ZARANKIN, Andres & SENATORE, María. X. 1996. *Informe Campaña Arqueológica Antártica. Peninsula Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. Verano 1995/1996. Buenos Aires, Programa de Estudios Prehistoricos, CONICET*.

ZARANKIN, Andrés e SENATORE, M. Ximena. 2007. *Historias de un pasado en Blanco: arqueologia histórica antártica*. Belo Horizonte: Argumentum. 189pp.